

DANIEL CARVALHO

Universidade de Lisboa, UNIARQ | FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia
danielcarvalho1@edu.ulisboa.pt
<https://orcid.org/000-0003-3908-5198>

MARA BEATRIZ AGOSTO

Universidade de Lisboa, UNIARQ, CFUL |
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia
mara.s.agosto@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6269-3277>

ARQUIVOS DA TERRA: PARA UMA HISTORIOGRAFIA DO
CONCEITO DE ESCAVAÇÃO ENTRE O ANTIQUARISMO E O
INÍCIO DA ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL (SÉC. XVIII-XIX)*

ARCHIVES OF THE EARTH: TOWARDS A HISTORIOGRAPHY OF
THE CONCEPT OF EXCAVATION BETWEEN ANTIQUARIANISM
AND THE BEGINNING OF ARCHAEOLOGY IN PORTUGAL
(18TH–19TH CENTURY)

“Conimbriga” LXIV (2025) p. 203-224

http://doi.org/10.14195/1647-8657_64_7

Texto recebido em / Text submitted on: 23/03/2025

Texto aprovado em / Text approved on: 09/07/2025

* Financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto UID/00698/2025 e UID/PRR/698/2025: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa e da bolsa de Doutoramento com referência 2022.13053.BD e <https://doi.org/10.54499/2022.13053.BD>.

RESUMO: Este artigo procura dissertar sobre a evolução do ato de escavar para uma recuperação do Passado entre o século XVIII e XIX e o seu impacto para a transição entre o Antiquarismo e a Arqueologia no território português. Pela conceptualização da escavação em longa duração e através de casos de estudo de escavações de ambos os séculos, realizadas por antiquaristas, sociedades, naturalistas e arqueólogos, pretendemos analisar pontos de contacto entre objetivos, técnicas e métodos, assim como o papel que as materialidades recuperadas possuem para a constituição de Gabinetes, para o panorama oitocentista e o início do estabelecimento de coleções para Museus, já na viragem de um novo século.

PALAVRAS-CHAVE: História da Arqueologia; Escavação; Teoria da Arqueologia; Portugal; História Conceptual.

ABSTRACT: This paper seeks to discuss the evolution of the act of excavation for the recovery of the Past between the 18th and the 19th century and its impact on the transition between antiquarianism and archaeology in Portugal. By conceptualizing long-term excavation and through case studies of excavations from both centuries, carried out by antiquarists, societies, naturalists and archaeologists, we intend to analyze points of contact between objectives, techniques and methods, as well as the role that the recovered materialities have both for the constitution of cabinets, for the eighteenth-century panorama and the beginning of the establishment of collections for Museums, already at the turn of a new century.

KEYWORDS: History of Archaeology; Excavation; Theory of Archaeology; Portugal; Conceptual History.

ARQUIVOS DA TERRA: PARA UMA HISTORIOGRAFIA DO CONCEITO DE ESCAVAÇÃO ENTRE O ANTIQUARISMO E O INÍCIO DA ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL (SÉC. XVIII-XIX)

Introdução

A Arqueologia, no percurso da sua evolução, sempre se destacou pela escavação (DEMOULE, 2011: 5) – atividade sobejamente conhecida pelo público e que une os intentos antiquaristas e arqueológicos, não obstante a sua continuidade já tenha sido proposta (MURRAY, 2007; 2014). Escavar assume-se como um ato complexo, que envolve uma ligação às materialidades do Passado, a técnicas de registo e a uma interpretação dos dados que provêm da escavação, mas que, com efeito, não é o que separa o antiquarismo da arqueologia, porquanto o ato de escavar fazia também parte também das abordagens antiquaristas (CARVER, 2011: 20). A *escavação* apresenta, todavia, mutações consideráveis a nível metodológico e conceptual na diacronia.

Neste artigo, pretendemos analisar uma importante fase de transição entre o Antiquarismo e os inícios da Arqueologia (séc. XVIII-XIX), em Portugal, à luz do conceito de escavação, sublinhando os moldes pelos quais se escava, com que objetivos e quais eram os destinos dos artefactos recuperados por este processo. Para este efeito, recorreremos às dinâmicas colecionistas do século XVIII, consubstanciadas nos Gabinetes (e.g., BRIGOLA, 2003; CARVALHO, 2019; 2022a; SPENLÉ, 2016), espaços dedicados à exposição de materialidades do Passado, fundamentais para a História da Museologia, assim como às primeiras iniciativas marcadamente arqueológicas, no século XIX, na senda de um novo paradigma científico, inaugurado pelo princípio da sobreposição de Lyell, o sistema das três idades de Thomsen e Worsaae e a publicação da Origem das Espécies de Darwin (REDMAN, 1999: 49).

É uma expressão frequente em Arqueologia que o ato de escavação pressupõe destruição – que advém de uma máxima de Mortimer Wheeler (*all excavation is destruction*) (WHEELER, 1954: 15) –, porém, a escavação é um momento construtivo: é ela que, com efeito, cria, para certos autores, sítios arqueológicos (FRANKEL, 1993). A escavação cria uma experiência telúrica que tem pontos comuns quer no antiquarismo quer na Arqueologia, mas que na arqueologia vai transformar em algo distinto, criando, aí, sítios arqueológicos. Neste sentido, a arqueologia poderá estar para a escavação como *a etnografia está para a antropologia* (EDGEWORTH, 2011: 44), revelando-se fulcral para os intentos quer dos antiquaristas como dos arqueólogos, que, sem a escavação, não conseguiriam aceder aos *arquivos da terra*.

A aproximação da arqueologia ao conceito de escavação tem sido múltipla, tal como as histórias das ferramentas (CARVALHO e AGOSTO, 2023), histórias do *trabalho arqueológico* (e.g., HOLLEY-KLINE e MICKEL, 2024; HORN, 2024; ORTIZ BRITO, 2024), e aproximações à *backdirt* das escavações, quase na senda de uma escavação da escavação (CARVALHO, 2024; HOWLEY, 2024; SHIFF, 2024), assim como reflexões gerais sobre a escavação e as suas consequências éticas e epistémicas (e.g., CARVER, 2011; HODDER, 1997; LUCAS, 2001b; NILSSON, 2011; ROOSEVELT *et al.*, 2015; SALISBURY, 2012; TILLEY, 1989; YARROW, 2003).

Assim, tomamos como objeto de estudo a relação entre o ato de escavar e a sua ligação ao Passado, na diacronia, assim como as técnicas, os métodos utilizados e o que os motiva, e como agentes distintos se enquadram face aos panoramas nacionais e internacionais – sejam estes homogéneos ou heterogéneos. Deste modo, tenciona-se oferecer um olhar para as ideias que rodeiam a escavação em Portugal durante os séculos XVIII-XIX e como se produzem distintas narrativas sobre o Passado que estas procuram recuperar.

1. Antiquarismo, curiosidade e prova (séc. XVIII-XIX)

A curiosidade estimula e motiva o ato de escavar, assim como o ato de colecionar – visível, por exemplo, no espólio da Grotte de L'Hyène (LEROI-GOURHAN, 1971). Esta esteve no cerne das primeiras escava-

ções conhecidas, na Babilónia do século VI a.C., onde o resgate das materialidades da memória implicava outrossim uma legitimação do poder político do Império Neo-Babilónico (SCHNAPP, 1996: 31). Transparece igualmente na Antiguidade Clássica, com a exaltação do objeto e ruína pela parte do colecionismo greco-romano, tal como, séculos mais tarde, na recuperação quase sistemática de relíquias associadas a mártires – uma das múltiplas expressões da religiosidade cristã da Europa da Idade Média (TRIGGER, 2008: 52). O pensamento moderno, especialmente após o Renascimento e a Contra-Reforma, não enfraqueceu este fenómeno, tal como se espelha, no caso português, na primeira escavação em 1591 do pretensu túmulo de São Torpes, localizado em Sines, hoje reconhecido como um monumento megalítico (CARDOSO, 2017).

Todavia, a curiosidade como catalisadora de estudos sobre vestígios materiais no Passado é habitualmente associada aos Gabinetes de Curiosidades – e as elites que os detinham – desde o final da Idade Moderna até inícios da Idade Contemporânea. Esta *Era dos Antiquários*, dos séculos XVII e XVIII, tipicamente reduzida a um diletantismo da época, não se esgota apenas na sensação de deleite pelo Passado: encontra-se uma renovação dos princípios da metodologia histórica (MOMIGLIANO, 1950: 286); a construção dos próprios pilares da Arqueologia moderna pela parte de alguns estudiosos, com a tríade da observação/registo/publicação (SCHNAPP, 1982: 761); e a elaboração de um esquema epistemológico entre a consagração de binómios – Tempo/Espaço, Visível/Invisível, Passado/Presente – dentro das suas coleções (BOWRY, 2015: 49; CARVALHO, 2022a; POMIAN, 1987: 24). De facto, a herança dos antiquários acabará por lograr numa forte contribuição para a Arqueologia: o objeto arqueológico possuirá, então, uma componente probatória indispensável para entender as sociedades humanas do Passado – daí o interesse por antiguidades como epígrafes ou numismas: “Pour Montfaucon, les objets sont un moyen d’illustrer l’histoire, et le plan de son ouvrage est mûrement réfléchi.” (SCHNAPP, 1982: 761). O mesmo é evidenciável na história do estudo do megalitismo e na relação que este constrói com os primeiros estudiosos do Passado (AGOSTO, 2023). Com efeito, o megalitismo é reconceptualizado ao longo dos tempos enquanto entidades profanas ou de um cristianismo primitivo (CARDOSO, 2022: 191-192).

1.1. Escavações e coleções para Gabinetes de Antiguidades e para as Luzes

Esta “Arqueologia Ilustrativa”, longe ainda de uma Arqueologia científica, consistia na busca de artefactos e estruturas, que ilustrariam um Passado histórico, sendo estes elementos sobremaneira valorizados. Destarte, a escavação consistia numa prática eficaz de recuperar essas materialidades.

Esta realidade origina um registo arqueológico de campo baseado na descrição de plantas visíveis no local e da localização relativa dos achados, como no paradigmático caso da Senhora da Cola, escavada por Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814) (FABIÃO, 2011: 76). Deste modo, a ilustração do sítio arqueológico afigurava-se fulcral, representando-se minuciosamente o maior número possível de elementos.

Não obstante as diferenças metodológicas face à Arqueologia científica, há que considerar as seguintes vicissitudes:

- A adaptação dos métodos estratigráficos a contextos arqueológicos é bastante mais recente – com uma primeira aplicação prática já na segunda metade do século XIX, generalizando-se posteriormente – pelo que a informação obtida através da escavação arqueológica e do seu registo subsequente apenas se pode conectar com a capacidade interpretativa da horizontalidade do sítio arqueológico, i.e., a observação de camadas contemporâneas, o que confere uma cronologia restrita (e.g., “pré-romano”, “romano”, “mouro”, entre outros);
- Como referido anteriormente, a cronologia era “absoluta”, porquanto o artefacto ou a arquitetura precisavam o tempo histórico, que a materialidade e o conhecimento bibliográfico corroboravam. Sublinhe-se que o paradigma criacionista ditava a idade da Terra, tomando-se a Bíblia como fonte histórica.
- A informação obtida dependia exclusivamente do questionário que o interveniente aplicava, sendo a prova artefactual suficiente em si mesma.

Assim, esta “Arqueologia Ilustrativa” engloba o ato escavar com o fito de enriquecer coleções de gabinetes de antiguidades (CARVALHO, 2022a). Jazem aqui, outrossim, as bases do que será o registo arqueoló-

gico científico. Este *espírito dos tempos*, no que diz respeito a este tópico, viria a englobar do século XVIII até meados da centúria seguinte.

Um dos exemplos mais expressivos é o caso de Mendonça de Pina e de Proença Homem (1693-1743), com a sua conferência proferida a 30 de julho de 1733 na Academia Real da História Portuguesa, onde salientou a importância dos monumentos megalíticos portugueses para o estudo do Passado (CARDOSO, 2022: 202).

1.2. João Vidal da Costa, Frei Manuel do Cenáculo e a *Sociedade Archaeologica Lusitana* – a visão antiquarista e o começo da transição

Para trabalhar esta questão, apresentamos casos paradigmáticos e respetivo quadro comparativo, aferindo-se a evolução da noção de escavação, os moldes e os objetivos pelos quais esta é realizada.

Para tal, apresentamos a atividade de João Vidal da Costa e Sousa, intendente geral da Polícia e viveres do Exército, que possui um gabinete de antiguidades, patente no *Almanach de Lisboa* (BRIGOLA, 2003: 435), empreendendo as suas próprias ações de escavação em 1761, em Tróia, Setúbal:

Um bom setubalense João Vidal da Costa e Sousa, homem de variados conhecimentos, e desembargador do Paço, sempre que ocasião se lhe oferecia, passava de Lisboa a visitar a sua terra, e daqui ei-lo atravessando o Sado [...] na margem oposta e durante largos dias cavando no meio das dunas, e sempre mais ou menos desenterrando monumentos e antigualhas, muitos blocos d'architecture e escultura, grandes edificios, diversas columnas, capiteis cippos, inscrições lapidárias, lâmpadas, amphoras e muitos outros diversos vasos de barro, moedas de ouro, prata e bronze, grande quantidade de pedras, algumas mui finas e optimosamente trabalhadas, como [...], diferentes objectos de ouro, prata, marfim e vidro, assim como [...] diversas formas de pratos, vidro, mármore, marfim (...) (Documento nº1).

Repare-se que o ato de escavar é perfeitamente descrito à luz da época: trata-se de um desenterro de estruturas e artefactos, dando-se particular relevância à sua componente estética, técnica e à qualidade e exotismo da matéria-prima, sendo expectável que muitos destes artefactos viessem a fazer parte da sua coleção pessoal:

Nos apontamentos, que conservava Antonio Damaso de Castro e Sousa, e que obsequiosamente nos forneceu dizia que no museu do desembargador João Vidal, entre outras antigualhas, estavam dois vasos de mármore branco, um triangulo de prata com caracteres, que se supunha serem jieroglyphicos gravados, uma [?], taça ou vaso usado, um vaso de forma á assimilhaça de bule, um prato de barro preto e mui lustroso, um busto de mármore, e algumas moedas romanas de ouro, prata e cobre. (Documento nº1).

Encontramos aqui os principais moldes que sustentam a tradição antiqurista do século XVIII, que, com raras exceções, constituem o cânone das atividades de escavação, que podem ser expostas em três pontos:

- O ato de escavar elementos do Passado é em si um meio para um fim – a recuperação do artefacto;
- O artefacto é mais do que uma prova da existência de um Passado: configura-se como uma exaltação de um gosto por tempos longínquos;
- Os artefactos são escolhidos para integrarem coleções privadas, sendo os seus proprietários geralmente os responsáveis da escavação.

Vidal da Costa é assim um caso paradigmático da segunda metade do século XVIII, cujas ações se estendem durante décadas para a formação de um Gabinete. Não é conhecida qualquer inclinação para uma sensibilidade histórica, no sentido de iniciar um regime probatório com os artefactos que encontra. Do mesmo modo, a escavação não evidencia qualquer cuidado a nível de registo, com a documentação a apontar para uma atividade prazerosa e de lazer, que produzia objetos que poderiam ser desfrutados por outrem, nos vários Gabinetes existentes no território nacional.

Contudo, o ato de escavar para a recuperação de artefactos é um fenómeno de longa duração, que evolui ao longo do século e com assinaláveis mutações.

Para este efeito, e estabelecendo um quadro comparativo, tomamos como exemplo as atividades de D. Frei Manuel do Cenáculo: prelado cientista, de intensa ação pastoral e figura relevante no Reformismo Pombalino (Vaz, 2009: 8-9). Empreendeu escavações em vários pontos do país, tendo como principal intento corroborar as raízes cristãs do povo português. Cenáculo configura-se como paradigmático, porquanto os artefactos estudados e recolhidos constituíram, posteriormente, um espaço

museológico, o *Museo Cenaculo Pacense*, reconhecido como sendo a primeira instituição dessa natureza a nível nacional (BRIGOLA, 2003: 423).

A escavação, em Cenáculo, tem no regime da prova e a procura de uma solução a problemas históricos os seus sustentáculos. A mais expressiva pode considerar-se as indagações acerca do local da batalha de Ourique, que resultou em várias ações de escavação em outeiros fortificados, especialmente no sítio da Senhora da Cola (FABião, 2011: 76).

Cenáculo, para além de todo o seu trabalho de índole arqueológica, foi o responsável pela descoberta das estelas da Escrita do Sudoeste. Este sistema de escrita, enquadrável na actual I Idade do Ferro, seria alvo das indagações do prelado, desenhadas no Álbum das Lápides e expostas no Museu de Évora.

Frei Manuel do Cenáculo, embora preconize uma potencial Idade do Bronze para o território nacional, não correlaciona estes achados com os artefactos em bronze que analisou, ainda que sublinhe o poder informativo que as escavações possuem para enquadrar os mesmos, como no Castro da Cola (CENÁCULO, 1791: 384-385).

Deste modo, há que inserir estas descobertas na agenda de Cenáculo, de cultivar as populações e de explicar-lhes a importância da história da Literatura, onde utiliza esses vestígios epigráficos (CENÁCULO, 1791: 17-18). Deste modo, podemos ditar as seguintes linhas para o pensamento de Frei Manuel do Cenáculo:

- A escavação continua a ser um móbil para a recuperação do Passado, mas para a resolução de problemas de índole histórica;
- O artefacto é uma prova, independentemente da sua estética, não obstante este ser ainda um fator decisivo;
- A escavação e os artefactos providenciam enquadramento e facilitam a transmissão de conhecimentos.

Finalmente, é possível reportar a atividade da *Sociedade Archaeologica Lusitana*, especialmente nos anos de 1850 e 1851, em Tróia (MARTINS, 2014: 206), como uma charneira entre dois paradigmas – o antiquarista e o científico –, adotando, por um lado, uma ação considerável no que toca à escavação arqueológica, mas ainda não se inserindo no quadro conceptual que a sucederá.

Inserida na proliferação de sociedades portuguesas interessadas pelo Passado, típica do século XIX (DINIZ e GONÇALVES, 1993-1994: 183), a *Sociedade Archaeologica Lusitana* pretendia explorar as ruínas

romanas da cidade de *Caetobriga*, coetânea com o interesse pela Antiguidade Clássica da época. O propósito da Sociedade era precisamente o de escavar o que se via como sendo *Caetobriga* (CARDOSO, 2018a: 487), o que faz com que esta ação seja determinante na construção da sua identidade enquanto instituição. A metodologia passava pela escavação integral com “largas valas” de modo a recuperar os materiais que se encontrariam dentro das estruturas (MARTINS, 2014: 207).

Esta metodologia encontra semelhanças à empregue por Augustus Pitt-Rivers (1827-1900) – precursor na metodologia de campo. Esta, conhecida por *strip-digging*, consistia na abertura de valas paralelas, de modo a obter uma amostra considerável de artefactos, um registo minucioso dos detalhes da escavação e a componente sequencial dos achados (LUCAS, 2001a: 23).

Embora sejam contemporâneos, a sua metodologia é indubitavelmente distinta. O método empregue pela *Sociedade Archaeologica Lusitana* não considerava aspetos de natureza sedimentar, porquanto o foco assentava na descoberta de estruturas (ver FABIÃO, 1997: 112).

Com efeito, e se a descoberta é o objetivo, a *Sociedade Archaeologica Lusitana*, não obstante a sua – por vezes – criteriosa ação em trabalho de campo, é ainda pertencente a uma “Arqueologia Ilustrativa”. Dentro dos objetivos da Sociedade, encontra-se o projeto para a constituição de uma biblioteca e museu, com artefactos provenientes de escavações. Embora não se tenha vindo a realizar (FABIÃO, 1997: 110), tal, permite vislumbrar, todavia, o espírito de união dos seus sócios, procurando formar uma coleção passível de ser exposta ao público com os materiais de *Caetobriga*. A correspondência estudada no âmbito de matéria logística revela igualmente as dificuldades e os esforços em empreender as escavações na época (CARDOSO, 2018a: 491).

Assim e na senda dos exemplos anteriores, podemos resumir os propósitos da Sociedade:

- A escavação é um ato de descoberta de Passado, ainda que embrionário nos métodos e no registo;
- O artefacto continua a ser a prova, servindo de metonímia para a totalidade do Passado;
- A escavação e os artefactos devem servir uma lógica de transmissão de conhecimento, com o desejo de formar bibliotecas e museus.

Não obstante a amplitude cronológica destes exemplos (sécs. XVIII-XIX), estes ilustram os elementos que os unem, numa homogeneidade somente aquebrantada pelos meados do século XIX: a charneira do paradigma seguinte, onde a própria Arqueologia sofrerá uma revolução teórica e metodológica, estabelecendo-se como disciplina.

2. Um novo paradigma: Arqueologia e Estratigrafia (séc. XIX)

Paralelamente a questões de natureza filosófica, com o advento do positivismo –, os naturalistas procuraram observar e compreender a história da Terra, numa perspectiva de mudança, já herdada do Novo Regime. A idade da criação do planeta encontrava-se sugerida na Bíblia, o eixo pelo qual os estudiosos do Passado procuravam enquadrar as suas descobertas. Esta ideia do tempo curto, de que a Terra seria relativamente recente, era, deste modo, um dado adquirido no pensamento ocidental.

Contudo, com a publicação de *Theory of the Earth* (1788) de James Hutton (1726-1797) surgiu uma das principais abordagens metodológicas para a prática científica da Arqueologia: a leitura estratigráfica – cujo princípio básico, o da sobreposição dos estratos, já havia sido postulado na obra *De solido intra solidum naturaliter contento dissertationis prodromus* (1669), por Nicolaus Steno (1638-1686). A teoria de Hutton seria corroborada posteriormente com a publicação de *Principles of Geology* (1830), por Charles Lyell (1797-1875). Esta obra não só refutou as teorias diluvianas, como lançou as bases para a Geologia moderna. Lyell demonstrou a incoerência entre uma cronologia da Terra de tempo curto e a formação dos fenómenos geológicos da Terra, argumentando que o seu processo seria longo e gradual, estabelecendo que as leis da Natureza são constantes. A esta interpretação das ocorrências geológicas do Passado com o recurso a observações no Presente deu-se o nome de Uniformitarismo.

Hutton e Lyell viriam a ser metodologicamente impactantes para a compreensão do Passado. Do mesmo modo, antiquários como Jacques Boucher de Perthes (1788-1868) seriam pioneiros na utilização da estratigrafia. A observação de camadas, assim como a sua correlação com os artefactos que lhes estavam associadas, figuraria na sua obra *Antiquités Celtiques et Antédiluviennes* (1847). Boucher de Perthes consideraria a fauna e flora como elementos a ter em conta, consistindo numa tentativa de

aproximação das ciências naturais para o estudo do Passado da Humanidade, um pretenso corte com as práticas antiquaristas (SCHNAPP, 1996: 313).

Do mesmo modo, o estabelecimento teórico de uma nova cronologia provocou implicações não despreciandas. Se a Terra possuía uma longevidade superior à que se supunha, a antiguidade do Homem seria de igual modo maior. Esta premissa será fulcral para o nascimento da Arqueologia enquanto ciência, oferecendo-lhe um dos elementos base pelos quais se guiará até à Contemporaneidade: a estratigrafia arqueológica.

2.1. Escavações e coleções para a Origem do Homem, da Nação e para a *Scienza*

A Arqueologia portuguesa da segunda metade do século XIX coaduna-se com as realidades políticas e sociais do país. A modernização do país, destacando-se o Fontismo, levou à formulação de cartas geológicas e de cartografia para todo o território nacional. Do mesmo modo, uma emergente ideia de cidadão – liberal – motivou, por parte do Governo, uma vaga de instrução nacional, onde a Ciência era tida como um instrumento de coesão interna (CARVALHO, 1986).

Este panorama leva à génese da segunda Comissão Geológica do Reino, em 1857, fundamental para o nascimento da Arqueologia científica no país. Dirigida por Carlos Ribeiro (1813-1882) e Francisco Pereira da Costa (1809-1888), coadjuvados por Nery Delgado (1835-1908), e António Augusto de Aguiar (1838-1887). Cientistas e progressistas, geralmente de formação militar, trabalham no quadro do Ministério das Obras Públicas – numa senda positivista e patriótica – de desenvolver os estudos geológicos em Portugal (CARDOSO, 2015). Estes tinham como objetivo o conhecimento da Antiguidade do Homem em solo português, no quadro de um regime epistemológico probatório, afim do Positivismo. Sobrepassando a *philos* artefactualista antiquarista, a observação da componente empírica dos elementos da escavação estaria fortemente enleada com uma leitura contextual da proveniência dos artefactos/res-tos humanos exumados, para a qual a estratigrafia seria fulcral.

– A estratigrafia arqueológica torna-se uma fonte de informação contextual mais relevante, cujas metodologias serão empregues na Arqueologia do século XIX. Existe agora uma capacidade para além de uma leitura horizontal, onde a verticalidade expõe

várias ocupações dentro de um mesmo sítio arqueológico, com etapas distintas e corroboradas pelos depósitos sedimentares que os constituem;

- Existe uma autêntica revolução a nível cronológico, com a fraturação do paradigma criacionista. Com a contestação da uma curta cronologia para a idade da Terra, a Arqueologia abre uma nova porta para uma Antiguidade do Homem mais longínqua do que a concebida, assistindo-se ao nascimento da Pré-História;
- As escavações arqueológicas tornam-se uma prática científica, ancorada no método estratigráfico. Continuam a ser efetuadas para a resolução de questões, mas são ontologicamente diferentes: o estabelecimento de quadros comparativos, a difusão do método tipológico, a observação estratigráfica e novas técnicas de registo inteligíveis para uma comunidade científica internacional tornam a escavação já não um ato isolado ou eminentemente privado, sendo mais vastas as problemáticas a que se procura dar resposta.

De modo a ilustrar estas mudanças face à etapa anteriormente exposta, exporemos estas questões no seguinte caso de estudo e consequente quadro comparativo da época.

2.2. Nery Delgado, Francisco Martins Sarmiento e José Leite de Vasconcellos

– a visão científica e o começo da Arqueologia

Esta realidade é observável no trabalho dos naturalistas portugueses. Tome-se por exemplo os trabalhos de escavação da Comissão Geológica do Reino de Portugal, que atingiram, em Joaquim Nery Delgado, o seu mais fidedigno exemplo, com a escavação da gruta da Casa da Moura (Cesareda/Óbidos) (ver CARDOSO e BICHO, 2020). A metodologia ensaiada para esta gruta fora replicada em outros casos, como o da Lapa Furada (CARDOSO, 2020: 139-140).

Releva de uma análise das epístolas relativas a esta escavação (e.g., CARDOSO, 2020; CARDOSO e AVILA DE MELO, 2001), assim como das suas publicações (DELGADO, 1867; DELGADO, 1880a, 1880b, 1880c), uma particular atenção dada ao registo de campo, com várias plantas, perfis estratigráficos, um sistema de inventariação dos materiais recolhidos – sejam eles cerâmicos ou osteológicos –, referência tridimen-

sional das materialidades, a implantação de uma quadrícula na gruta, remoção das camadas segundo argumentos estratigráficos, fazendo-se acompanhar de apontamentos geológicos e arqueológicos.

Evidencia-se, primeiramente, o enquadramento dos sítios arqueológicos como espaços geológicos, justificando a necessidade de explanar o processo de formação das cavidades cársticas para melhor compreender os processos que afetaram os depósitos (ver DELGADO, 1867: 5-18). O uso da Geologia era outrossim posto ao serviço da precisão cronológica, como no caso do depósito inferior da Casa da Moura (ZILHÃO, 1993: 7).

A observação estratigráfica em Nery Delgado não cumpre somente um desiderato exclusivamente *antropocêntrico*, porquanto este constata, através da estratigrafia, um jaez de *história natural*:

Entre os restos de animaes que se encontram nos depositos de sedimento das cavernas ha a notar, além dos das especies extinctas da época diluviana, outros idênticos com as especies agora vivas, differindo porém d'ellas na estatura, isto é, tendo dimensões superiores ás dos indivíduos das mesmas especies actualmente existentes, segundo pode observar-se pela comparação das ossadas que se tem encontrado (DELGADO, 1867: 12).

A isto se faz acompanhar de considerandos tafonómicos, onde elementos como o estado das arestas, os seus ângulos – e o possível transporte dos mesmos – e ações posteriores de roedores e carnívoros, sob a forma de marcas de dentes nos ossos, auxiliam a uma maior compreensão das particularidades destes dados (DELGADO, 1867: 12-13).

Os fitos dos trabalhos de campo não eram, epistemicamente, o veículo para uma “Arqueologia Ilustrativa”. Através da observação estratigráfica, procuravam-se os gestos e ações dos homens “primitivos”, seja na alimentação – com base nos “(...) stratos delgados e discontinuos de carvão (...)”, onde “(...) provavelmente assavam a carne dos animaes de que se nutriam (...)” (DELGADO, 1867: 37) –, seja no canibalismo e sacrificios humanos (ver CARVALHO, 2022b; DELGADO, 1867: 48-51), assim como uma caracterização das populações através do estudo osteológico.

Do mesmo modo, não se verifica uma sobrevalorização de um tipo de materialidade, assim como o contexto estratigráfico e a Geologia, enleando-se artefactualidades e remanescentes osteológicos, sejam eles faunísticos ou humanos.

Alfim, o trabalho de campo em Nery Delgado servia como meio para a comprovação de uma *hipótese*, servindo a contundente fisicalidade dos achados – enquadrados numa história natural e do espaço – como *prova* corroborativa ou que afraca a proposta inicial. Neste caso, procurava-se comprovar:

(...) [a] antiguidade da existência do homem no nosso paiz, derivadas dos factos que temos apontado, não reportam, ao nosso vêr, a sua existência de um modo indubitável á época quaternaria; mas tornam sómente provável que depois que esta gruta começou a ser frequentada, algumas especies que serviram para a alimentação do homem desaparecessem do nosso solo, ou deixassem de pertencer á fauna que hoje o habita. (DELGADO, 1867: 81).

Estes exemplos sumariam a metodologia de campo da Comissão Geológica. O método resultaria, como fim último, na produção de obras com grande componente descritiva. Ao Evolucionismo não seria estranha a junção entre o espólio osteológico e o artefactual, vislumbrando-se a multidimensionalidade do Homem, com recurso à Antropologia Física e à Arqueologia. É precisamente dessa fusão, aliada à Geologia estratigráfica e sedimentar, que se constituirão as coleções do Museu da Comissão Geológica. O simples gosto pelo Passado é substituído pelo peso das questões científicas, das origens do Homem e do uso das ciências naturais para auxiliar nessa procura, com os artefactos e materiais provenientes de escavações a serem o alvo destas pesquisas, que teria, neste contexto, o seu expoente máximo no IX Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques (GONÇALVES, 1980).

- A escavação é um ato de descoberta do Passado, com uma preocupação metodológica e de registo, tendo em conta a estratigrafia;
- O artefacto cumpre um desígnio probatório, quer para questões de natureza abrangente – a comprovação da antiguidade do Homem – como de particularidades inerentes ao sítio escavado;
- A escavação e os artefactos possuem uma elevada componente epistémica, com variados veículos científicos que asseguram a transmissão de conhecimento deles proveniente, tais como livros, participações em congressos e Museus.

Existe, igualmente, dentro desta fase da História da Arqueologia Portuguesa, um conjunto de investigadores que se distanciam do grupo dos naturalistas, ancorados nos emergentes nacionalismos europeus, que teria na busca da “Nação Portuguesa” o seu móbil (FABIÃO, 1999: 115). Como tal, a própria metodologia de campo padecerá das vicissitudes face a esta agenda. Esta realidade tem contribuições expressivas e projetos de longa duração, como é o caso de Estácio da Veiga (1828-1891) no sul de Portugal (CARDOSO, 2018b: 529). Duas personagens afiguram-se fulcrais neste âmbito: Francisco Martins Sarmento (1833-1899) e José Leite de Vasconcellos (1858-1941).

Martins Sarmento é considerado uma personagem atípica do meio nacional: homem abastado, de posição social significativa e que financia a sua própria atividade. Proprietário de vastas extensões de terreno, adquiria-os visando a escavação arqueológica dos mesmos, dando preponderância aos sítios arqueológicos de cronologia proto-histórica, considerando os Lusitanos como a remota prefiguração – “pré-céltica” – dos portugueses (FABIÃO, 1999: 112). Assim, empreendeu escavações na Citânia de Briteiros, em 1874, e no Castro de Sabroso em 1877, desenvolvendo a sua atividade em torno de Guimarães, com a missão de “descobrir as origens das ‘cidades mortas’ do Noroeste de Portugal, tentando estabelecer a etnogénese dos povos que as habitaram (...)” (LEMONS, 1999: 43). Daqui também resultou a chamada “conferência da Citânia”, evento de marcada importância na arqueologia portuguesa da época (GUERRA, 2022).

Mais do que uma atenção à estratigrafia, o foco centrava-se na etnologia, sendo a Arqueologia um meio para atingir a benquista revivência do Passado (MARTINS, 1995: 131).

Esta opção resultaria na inconveniência de que, a nível arqueológico e não obstante o seu extensíssimo labor e contributo para a “arqueologia dos castros”, Martins Sarmento possuiria “(...) inclinação especulativa (...) [o que o fazia] aspirar a deduções mais amplas e generalizantes.” (MARTINS, 1995: 131). Tal poderá estar na base da sua despreocupação face a aspetos de estratigrafia, que resultam tanto da complexidade deste tipo de povoados (FABIÃO, 1999: 118), como de um posicionamento pessoal. Todavia, em matéria de registo, Martins Sarmento fora pioneiro na prática da fotografia científica na Arqueologia portuguesa (FABIÃO, 1999: 113). O seu legado constituir-se-ia sob a forma da Sociedade Martins Sarmento e de um Museu dedicado à

mesma, com materiais provenientes das suas escavações de época proto-histórica e romana.

Leite de Vasconcellos segue as mesmas linhas que Martins Sarmento, quer pela sua atividade, vasta bibliografia e pela criação do *Museu Ethnographico*, hoje Museu Nacional de Arqueologia (FABIÃO, 2008: 101) – constituindo-se este último como o grande projeto de Vasconcellos (CARDOSO, 2008: 78; COITO, CARDOSO e MARTINS, 2008) que, na sua visão, procurava reverter um mal profundo que acometia o país: a ignorância (VASCONCELLOS, 1915: 14).

Nesta senda, promoveram-se escavações em todo o território nacional, requerendo ajuda de colecionadores, eruditos e populações para a doação de objetos e informações. Tal tinha como desígnio a constituição de uma coleção relativa ao Homem português – para lá do espartilho disciplinar –, no ensejo de uma autoreflexão coletiva – i.e., do “povo” português –, através da sua História.

Analogamente a Martins Sarmento, não havia em Vasconcellos a preocupação estratigráfica verificada nos trabalhos da Comissão Geológica, como se verifica, por exemplo, na sua escavação do Rossio do Carmo – recentemente atribuída como tendo sido dirigida por Vasconcellos (CARDOSO, 2006: 157) –, onde se visava, acima de tudo, remover os sedimentos que tapavam as sepulturas. Vasconcellos, tal como A. A. Mendes Correia (1888-1960) discorre, terá obtido, na sua formação médica, uma postura de investigação que seria relevante ao nível da metodologia que empregaria na sua atividade arqueológica (CARDOSO, 2008: 75).

Com efeito, Leite interessa-se sobremaneira pela revivência pelo Passado, elemento que não deve ser desligado da ligação da população ao sítio arqueológico. Assim, é possível que as indagações estratigráficas não se situassem na primeira ordem de Leite de Vasconcellos, concentrado antes com a recolha de objetos arqueológicos, dentro do seu espírito positivista, ao serviço da *Scienza*.

Unindo todas as abordagens anteriores jaz um novo registo mais pormenorizado, uma preocupação científica e, principalmente, relevante para a ligação entre os temas aqui tratados, o uso das coleções, agora já no âmbito de museus, para a investigação.

Considerações finais

Procurámos, no decurso deste artigo, traçar uma evolução do conceito de escavação ao longo dos séculos XVIII e XIX, transitando entre o Antiquarismo e os primórdios da Arqueologia, em Portugal. Com recurso a diversas personagens e às fontes que nos transmitem o seu pensamento, constatou-se que existem efetivamente tendências e pontos de inflexão.

No âmbito do Antiquarismo a prova artefactual é o mote da escavação, que, não obstante possuir uma lógica interna, não se consubstancia num conjunto de métodos, mas antes em ações de pôr a descoberto as materialidades e as estruturas visadas, para uma posterior exposição em Gabinetes privados. Face às vicissitudes que rodeiam a questão cronológica – o uso da Bíblia como fonte histórica e uma idade da Terra calculada a partir desses princípios – os sítios arqueológicos são vistos e conceptualizados horizontalmente, ou seja, é-lhe dada uma única cronologia e não um quadro episódico, de ocupações anteriores e posteriores.

Com o advento da Arqueologia, da Pré-história e a alvorada do paradigma científico – a partir, sensivelmente, dos meados da centúria de oitocentos – a posição face à escavação e a constelação de elementos que esta compreende e às materialidades apresentaram uma alteração substancial.

É assinalável a heterogeneidade que esta fase embrionária da Arqueologia compreende: se por um lado existe uma clara inovação nos métodos de campo e um cuidado com a estratigrafia que enleia a Geologia e o Humano, como nos trabalhos da Comissão Geológica, e em Nery Delgado em particular, por outro – na Arqueologia acometida pelo nacionalismos europeus – a rutura é menos evidente, ainda que, a certo nível, existente.

Se no primeiro grupo as materialidades procuram responder a questões da ordem ôntica – e.g., as características do Homem quaternário, a antiguidade do Homem em território português –, tendo as escavações um papel fundamental na equação; já no segundo grupo, para além de um papel pedagógico e posto ao serviço de uma agenda positivista (e.g., museus), as materialidades são o meio de reconstrução do Passado, sendo as escavações uma etapa – mas não a única – para a sua recuperação.

Assim, oferecemos um quadro para reflexão para a escavação arqueológica e a sua história enquanto conceito, para o território nacional. No entanto, serão necessárias mais abordagens para compreender a genealogia do conceito, dado que as suas raízes antecedem o século XVIII.

Deste modo, futuras investigações na História Conceptual da Arqueologia portuguesa podem providenciar mais arquivos telúricos para escavar.

Fontes

Documento nº 1 – Tróia: Escavações Por João Vidal Da Costa E Sousa – 1761, nome atribuído. Arquivo Distrital de Setúbal – Código de Referência: PT/ADSTB/PSS/APAC/L/0082.

Bibliografia

- AGOSTO, Frederico (2023) – Thinking Megalithism Beyond Prehistory: A Berquean Critique of the Idea of Reuse, *Estudos do Quaternário*, 23, pp. 16-28.
- BOWRY, Stephanie (2015) – *Re-thinking the Curiosity Cabinet: A Study of Visual Representation in Early and Post Modernity*, Universidade de Leicester.
- BRIGOLA, João (2003) – *Coleções, Gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*, Lisboa.
- CARDOSO, João Luís (2006) – Sebastião Phillippes Martins Estácio da Veiga, José Leite de Vasconcellos e a necrópole do Rossio do Carmo em Mértola, *O Arqueólogo Português*, Série IV, pp. 151-165.
- CARDOSO, João Luís (2008) – José Leite de Vasconcelos (1858-1941): o médico, o humanista e o homem, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 126, 1-12, pp. 73-83.
- CARDOSO, João Luís (2015) – A investigação da antiguidade do Homem no Portugal de oitocentos: um contributo para a História da Ciência, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 22, pp. 9-42.
- CARDOSO, João Luís (2017) – O Mais Antigo Registo Conhecido da Escavação de uma Estação Pré-Histórica em Portugal: São Torpes e a sua sepultura da foz da ribeira da Junqueira (Sines), *Al-madan*, II, pp. 132-141.
- CARDOSO, João Luís (2018a) – Aspectos das explorações em Tróia da Sociedade Arqueológica Lusitana com base em documentação inédita, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 24, pp. 483-502.
- CARDOSO, João Luís (2018b) – Nos 190 anos do nascimento de Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga (1828-1891), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 24, pp. 523-540.
- CARDOSO, João Luís (2020) – A primeira escavação arqueológica metodologicamente moderna foi realizada em Portugal em 1879/1880: a intervenção de Nery Delgado na gruta da Casa da Moura (Óbidos, Portugal), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 26, pp. 123-242.
- CARDOSO, João Luís (2022) – A conferência de Martinho de Mendonça de Pina e de Proença Homem de 30 de Julho de 1733 na Academia Real da História Portuguesa, ou o primeiro ensaio pré científico sobre a antiguidade dos dólmenes, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 30, pp. 189-216.

- CARDOSO, João Luís e AVILA DE MELO, Ana (2001) – Correspondência Anotada de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado: Contribuição para a História da Arqueologia em Portugal, *Comunicações – Instituto geológico e mineiro*, 88, pp. 309-346.
- CARDOSO, João Luís e BICHO, Nuno (2020) – Nery Delgado, Pioneer of Archaeological Excavation Methods at the Casa da Moura Cave (Portugal) in 1879–1880, *European Journal of Archaeology*, 24, pp. 249-265.
- CARVALHO, Daniel (2019) – *Antiguidades, Gabinetes e Colecionadores: em torno da Arqueologia, no século XVIII em Portugal*, Universidade de Lisboa.
- CARVALHO, Daniel (2022a) – Gabinetes setecentistas na História da Arqueologia Portuguesa: espaços, proprietários e artefactos, *Conimbriga*, LXI, pp. 295-325.
- CARVALHO, Daniel (2022b) – Violência, Morte e Primitivismo: Conceitos e Interpretações da Arqueologia No Século XIX, *Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, 19, pp. 239-254.
- CARVALHO, Daniel (2024) – Theorizing Backdirt: Between Contemporary Archaeology and a Meta-Critique, *Journal of Field Archaeology*, 49, pp. 115-121.
- CARVALHO, Daniel e AGOSTO, Frederico (2023) – Tools of Archaeology: Toward an Integrated History of Archaeology, *Bulletin of the History of Archaeology*, 33, pp. 1-20.
- CARVALHO, Rómulo de (1986) – *História do ensino em Portugal: Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano*, Lisboa.
- CARVER, Geoff (2011) – Reflections on the archaeology of archaeological excavation, *Archaeological Dialogues*, 18, pp. 18-26.
- CENÁCULO, Frei Manuel do (1791) – *Cuidados Literarios do Prelado de Beja em Graça do seu Bispo*, Lisboa.
- COITO, Lúcia Cristina; CARDOSO, João Luís & MARTINS, Ana Cristina (2008) – *Leite de Vasconcelos. Fotobiografia*, Lisboa.
- DE PERTHES, Jacques Boucher (1847) – *Antiquités celtiques et antédiluviennes: mémoire sur l'industrie primitive et les arts à leur origine*, Paris.
- DELGADO, Joaquim Filipe Nery (1867) – *Da existencia do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas: noticia ácerca das Grutas de Cesareda*, Lisboa.
- DELGADO, Joaquim Nery (1880a) – Description de la grotte de Furninha à Péniche, *Matériaux pour L'Histoire Primitive et Naturelle de L'Homme*, XI, pp. 529-530.
- DELGADO, Joaquim Nery (1880b) – L'époque néolithique dans la grotte de Péniche, *Matériaux pour L'Histoire Primitive et Naturelle de L'Homme*, XI, pp. 533-540.
- DELGADO, Joaquim Nery (1880c) – Les grottes de Peniche et Casa da Moura, Portugal. Station et sépulture néolithique, *Matériaux pour L'Histoire Primitive et Naturelle de L'Homme*, XI, pp. 241-247.
- DEMOULE, Jean-Paul (2011) – We still have to excavate – but not at any price, *Archaeological Dialogues*, 18, pp. 5-10.
- DINIZ, Mariana e GONÇALVES, Victor S. (1993-1994) – Na segunda metade do século XIX: Luzes e sombras sobre a institucionalização da Arqueologia em Portugal, *O Arqueólogo Português*, Série IV, pp. 175-187.
- EDGEWORTH, Matt (2011) – Excavation as a ground of archaeological knowledge, *Archaeological Dialogues*, 18, pp. 44-46.

- FABIÃO, Carlos (1997) – Percursos da Arqueologia Clássica em Portugal: da Sociedade Archeologica Lusitana (1849-1857) ao Moderno Projecto de Conimbriga (1962-1979), in MORAE, G. e DÍAZ-ANDREU M., coord. – *La cristalización del Pasado: Génesis y desarrollo del marco institucional de la Arqueología en España*, Málaga, pp. 105-123.
- FABIÃO, Carlos (1999) – Um século de arqueologia em Portugal – I, *Al-Madan*, II, pp. 104-127.
- FABIÃO, Carlos (2011) – *Uma História da Arqueologia Portuguesa*, Lisboa.
- FRANKEL, David (1993) – The excavator: Creator or destroyer?, *Antiquity*, 67, pp. 875-877.
- GONÇALVES, Victor dos Santos (1980) – *O IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas (Lisboa, 1880): uma leitura, seguida da “Crónica” de Bordalo Pinheiro*, Lisboa.
- GUERRA, Amílcar (2022) – A chamada “conferência da Citânia”: revisitando um evento pioneiro da Arqueologia Portuguesa, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 30, pp. 217-250.
- HODDER, Ian (1997) – ‘Always momentary, fluid and flexible’: towards a reflexive excavation methodology, *Antiquity*, 71, pp. 691-700.
- HOLLEY-KLINE, Sam e MICKEL, Allison (2024) – Introduction: Archaeological Labor in Historical Contexts, *Bulletin of the History of Archaeology*, 34, pp. 1-8.
- HORN, Maarten (2024) – Writing Archaeological Labour at Qau, Egypt, in the 1920s, *Bulletin of the History of Archaeology*, 34, pp. 1-19.
- HOWLEY, K. (2024) – A Symmetrical Archaeology Approach to Previously Excavated Sites: or, How I Learned to Appreciate Antiquarian Backdirt, *Journal of Field Archaeology*, 49, pp. 140-153.
- HUTTON, James (1788) – *Theory of the Earth; or an investigation of the laws observable in the composition, dissolution, and restoration of land upon the Globe*, Edinburgh.
- LEMOES, Francisco de Sande (1999) – Francisco Martins Sarmiento na Arqueologia Portuguesa e Europeia do século XIX, *Revista de Guimarães*, Volume Especial, pp. 39-49.
- LEROI-GOURHAN, André (1971) – *Préhistoire de l’art occidental*, Paris.
- LUCAS, Gavin (2001a) – *Critical approaches to fieldwork: contemporary and historical archaeological practice*, Londres e Nova Iorque.
- LUCAS, Gavin (2001b) – Destruction and the Rhetoric of Excavation, *Norwegian Archaeological Review*, 34, pp. 35-46.
- LYELL, Charles (1830) – *Principles of Geology: being an inquiry how far the former changes of the Earth’s surface are referable to causes now in operation*, Londres.
- MARTINS, Ana Cristina (2014) – A Sociedade Archeologica Lusitana no contexto da arqueologia de oitocentos, *Setíbal Arqueológica*, 15, pp. 203-216.
- MARTINS, Manuela (1995) – Martins Sarmiento e a Arqueologia dos Castros, *Revista de Guimarães*, 105, pp. 127-138.
- MOMIGLIANO, Arnaldo (1950) – Ancient History and the Antiquarian, *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 13, pp. 285-315.
- MURRAY, Tim (2007) – Rethinking Antiquarianism, *Bulletin of the History of Archaeology*, 17, pp. 14-22.
- MURRAY, Tim (2014) – *From Antiquarian to Archaeologist*, Bamsley.

- NILSSON, Björn (2011) – Archaeology and the unstoppable excavation machine. A Swedish point of view, *Archaeological Dialogues*, 18, pp. 26-29.
- ORTIZ BRITO, Alberto (2024) – Digging Their Past: Archaeological Labor in Tres Zapotes, Veracruz, México, *Bulletin of the History of Archaeology*, 34, pp. 1-19.
- POMIAN, Krzysztof (1987) – Les collections, le visible et l'invisible, in POMIAN, K., coord. – *Collectionneurs, amateurs et curieux: Paris-Venise, XVIe-XVIII siècles*, Paris, pp. 30-47.
- REDMAN, C.L. (1999) – The development of archaeological theory. Explaining the past in BARKER, G., coord. – *Companion encyclopedia of archaeology*, London, pp. 48-80.
- ROOSEVELT, Christopher H.; COBB, Peter; MOSS, Emanuel; OLSON, Brandon R. e ÜNLÜSOY, Sinan (2015) – Excavation is Destruction Digitization: Advances in Archaeological Practice, *Journal of Field Archaeology*, 40, pp. 325-346.
- SALISBURY, Roderick B. (2012) – Engaging with soil, past and present, *Journal of Material Culture*, 17, pp. 23-41.
- SCHNAPP, Alain (1982) – Archéologie et tradition académique en Europe aux XVIIIe et XIXe siècles, *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, 37, pp. 760-777.
- SCHNAPP, Alain (1996) – *The Discovery of the Past*, Londres.
- SHIFF, Chemi (2024) – Sifting Through Narratives of Backdirt: Tel Burnat as Part of the Settler Colonial Discourse in Israel, *Journal of Field Archaeology*, 49, pp. 164-175.
- SPENLÉ, Virginie (2016) – The Kunst- and Wunderkammer. Origin and Development in the Renaissance and Barock in LAUE, G., coord. – *The Kunstkammer. Wonders Are Collectable*, München, pp. 12-107.
- STENO, Nicolaus (1669) – *De solido intra solidum naturaliter contento dissertationis prodromus*, Florença.
- TILLEY, Christopher (1989) – Excavation as theatre, *Antiquity*, 63, pp. 275-280.
- TRIGGER, Bruce G. (2008) – *A History of Archaeological Thought*, New York.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1915) – *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*, Lisboa.
- VAZ, Francisco (2009) – Ciência, religião e instrução na obra de D. Manuel do Cenáculo in VAZ, F., coord. – *D. Manuel do Cenáculo: Instruções Pastorais, Projectos de Bibliotecas e Diário*, Porto, pp. 5-35.
- WHEELER, Mortimer (1954) – *Archaeology from the Earth*, Oxford.
- YARROW, Thomas (2003) – Artefactual Persons: The Relational Capacities of Persons and Things in the Practice of Excavation, *Norwegian Archaeological Review*, 36, pp. 65-73.
- ZILHÃO, João (1993) – As origens da Arqueologia Paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado, *Arqueologia e História*, X, pp. 3-17.